

INVESTIGAÇÃO SOBRE ENSINAR E APRENDER: COMPREENDENDO OS DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS POSSÍVEIS

Clara Luísa Martins Brandão (1); Vânia Alves Martins Chaigar (2)

*Universidade Federal do Rio Grande – FURG; clarabrandao@ymail.com (1);
vchaigar@gmail.com (2)*

1 – Práticas escolares, universitárias e de formação docente

Resumo: O presente trabalho busca apresentar uma breve análise sobre uma atividade de investigação sobre formação de professores/as em espaços formais e não-formais de educação no município do Rio Grande, RS. Neste trabalho foi realizada junto à uma educadora de escola pública. Teve como objetivos compreender em sua amplitude os diversos lugares possíveis de aprendizagem, pois refletimos que estar no mundo desdobra em educação. A atividade teve como ação norteadora os significados de ensinar e aprender tanto para os educadores como para os educandos. A metodologia utilizada foi a entrevista oral, posteriormente analisada com base nos estudos realizados na disciplina de Didática II no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG no segundo semestre letivo de 2017.

Palavras-chave: Formação de Inicial de Professoras e Professores, Espaços Educativos, Movimento Social Negro, Negritude, Ensinar e Aprender.

Introdução

Os espaços educativos e seus processos de formação não são, ou teoricamente não deveriam ser, restritos a uma determinada estrutura, a práticas ou até mesmo um determinado período de nossas vidas, como entendemos o processo de educação divididos em anos e séries. A partir da leitura de capítulo “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice” do livro “Para além do Capital” de István Mészáros (2008, p. 47), buscou-se refletir acerca do processo de aprendizagem colocando em sua centralidade as vidas dos sujeitos de quem se educa, de forma a considerar nas práticas pedagógicas e de aprendizagem, as vivências, o contexto social, o lugar de onde vem o sujeito, como ele se insere no mundo e sua interrelação com o todo de forma global.

Nesta investigação foram tensionadas questões que aproximassem o docente em formação à realidade de um/a docente em sala de aula (ou outros espaços educativos), sugerindo perguntas que nos colocassem a refletir sobre a compreensão que temos das práticas de aprendizagem na forma mais ampla possível. Foram elaborados previamente questionamentos que permitissem o diálogo e estimulasse de forma construtiva a percepção individual do docente em formação o significado de ensinar e aprender.

A partir dos questionamentos sugeridos na orientação do trabalho, foi realizada a entrevista com a Prof^a Msc Ingrid Costa, docente na Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, localizada no bairro do Cassino, no município de Rio Grande – RS; a professora também é Assessora Pedagógica das Relações Étnico-Raciais na Secretaria Municipal de Rio Grande – SMed/RS e Diretora do Projeto Boneca Africana Rana - ONG Águas do Sul e Coordenadora no Subprojeto do PIBID – Interdisciplinar de Cultura Afro-brasileira e Indígena na FURG.

A escolha na/o docente na qual iria desenvolver esta atividade foi específica e objetiva, surgida a partir de uma necessidade de refletir com maior profundidade como é o mundo da escola a partir da perspectiva de uma professora negra da rede pública de educação. **A professora entrevistada neste trabalho compunha tantos os espaços de movimentos sociais e institucionais**, assim como o da escola, o que permitiu observar uma série de especificidades em suas práticas e discurso. Além disso, trazia outro significado para a professora em formação e pesquisadora que me proponho a ser: pude conhecer a Professora Ingrid ainda quando estudava no ensino médio, onde até então não me compreendia como pessoa negra. Na época, como ainda hoje, ela desenvolvia ações que pautassem não somente a luta anti-racista, mas que exaltassem a cultura negra no município de Rio Grande – RS, dessa forma, foi a primeira professora negra que tive contato em minha formação, o que me suscitou uma necessidade de retornar e refletir melhor sobre acerca da docência a partir das/os professoras negras.

Objetivo

Compreender como diferentes espaços de educação (espaços formais, não-formais, informais e outros) auxiliam na reflexão (dos professores em formação) sobre ensinar e aprender na escola e na vida.

Metodologia

A atividade foi realizada em forma de entrevista oral aberta, buscando fazê-la do modo mais informal possível. Posteriormente foi transcrita e analisada com base nos estudos realizados na disciplina. **As questões chave foram: O que significa ensinar? Como sabe que ensinou? Que conselhos daria a quem deseja ensinar? Além dessas, outras perguntas, segundo o interesse dos/as estudantes, foram incluídas em cada investigação.**

Resultados

O que significa ensinar?

É uma pergunta difícil, pois parece uma pergunta natural porque eu sou professora, então eu vou fazendo isso naturalmente. Mas o que eu poderia dizer sobre ensinar... Mas eu tenho para mim quando eu vou dar uma palestra, uma aula... Eu penso naquilo que é significativo para mim e o que pode ser significativo para o outro, no sentido de compartilhar, não que eu detenha algo saber. Mas eu acho assim, que é tão importante pra mim, algo que me fez bem, que me fez ser um político e crítico, acho que eu tenho que compartilhar isso com o outro, coisas importantes. E não depende só de mim, o ensinar. Temos que ver junto com o outro as possibilidades de conhecer outras coisas, de aprender juntos e nesse ato de achar que estou ensinando, eu estou é aprendendo nessa troca. Não é algo sozinho isso, o ensinar, eu transmitir alguma coisa para o outro. É compartilhar, e esse compartilhamento é uma troca

Como sabe que ensina?

Às vezes, eu não tenho essa certeza, mas, quando eu sinto uma satisfação, uma alegria. Mas quando eu vejo um olhar de satisfação, quando eu vejo no rosto do meu alunado aquele olhinho meio parado, que parece que tá pensando e refletindo sobre o que a gente conversou, o que a gente aprendeu juntos... Então aquilo dali me dá uma satisfação muito grande no momento que eu percebo que algo mudou no outro através de algo que eu apresentei não é; que experiência minha, um conhecer, um saber meu, que também recebi de outro em uma troca, seja lendo um livro, estudando, conversando com alguém. Então quando eu percebo isso na feição do outro, é tipo uma energia. E às vezes é engraçado porque quando eu percebo que de repente não tocou na pessoa, eu fico procurando formas e maneiras de chegar nessa pessoa. Então de repente, um exemplo, quando eu estou dando aula, que também não é bom esse termo, mas a gente costuma dizer que está dando aula, aí eu percebo que não ficou muito claro, eu fico arranjando um jeito diferente de chegar na pessoa para que ela se aproprie daquilo de alguma forma, da maneira dela.

O que lhe levou a ser professora?

Bah, essa história é bem legal, é bem íntima, foi algo que realmente aconteceu dentro de mim. Eu desde criança sempre gostei de muitas coisas diferentes; eu queria ser arquiteta, queria ser bailarina, eu queria ser aeromoça. E... Queria ser muitas coisas. Só que quando eu tinha uns 8 ou 9 anos, eu montei uma escolinha na minha

casa, incrível, porque parecia uma escola mesmo. Eu tinha uns 5 ou 6 alunos, eu juntava eles, eu reproduzia uma escola, eu era a professora, eu era a supervisora, eu era diretora, eu fazia reunião com os pais desses meus coleguinhas que eram meus vizinhos. Mas então, era uma brincadeira não é? Não era de verdade, como a gente brinca de casinha, brinca de boneca eu brincava mais de escolinha. Só para mim aquilo era muito sério. E tem uma coisa que me marcou muito que foi quando eu fiz uma festa do dia das mães, que era como uma festa na escola, que eu arrecadei o dinheiro dos alunos para comprar os presentes, eu fiz minha mãe ir comprar. Eu me lembro dos presentes que foram. Aquilo dali me fascinava, porque eu queria compartilhar as coisas que eu sabia. O lance era esse, juntar meus amiguinhos e contar pra eles as coisas que eu sabia, que eu aprendia que eu achava legal e pensava que os outros podiam achar também. E isso acho que foi o que determinou, eu lá com 13-14 anos, eu fiquei em dúvida, eu gostava muito dos mais velhos... Aí eu pensei em ser geriatra, queria fazer medicina ou ser professora. Aí eu fiquei em um dilema, porque na época eu estava indo para o segundo grau, que tinham os cursos técnicos, o magistério. Eu morava ainda no Rio de Janeiro e lá tinham uns cursos da área de saúde, tipo patologia clínica, e eu gostava muito dessas coisas. E aí eu fiquei em dúvida sobre o que eu queria, mas queria algo que fossem com crianças ou mais velhos, idosos. A minha mãe fez um curso de técnico de enfermagem na época e ela tinha que treinar essas coisas e eu ia com ela junto. Eu me apavorei, porque eu não conseguia ver sangue, ver sofrimento, ter coragem de dar injeção em alguém, eu ficava muito triste em ver as pessoas doentes, aquilo me causava muito sofrimento. Então eu vi que não era aquilo, que eu não ia contribuir, daí foi onde eu optei pela área da educação.

Como é ser uma professora negra em uma escola branca?

Bom, normalmente eu sou minoria ou única negra na maioria dos espaços que eu frequento. E então como eu escolhi falar sobre a temática negra na escola, isso me torna mais negra ainda. Como eu posso explicar isso...? Se eu não falo sobre o tema e sou uma professora negra “comum” não interfere muito o fato da cor da minha pele ser escura, desde que eu não toque no assunto, porque parece que o meu título me embranquece um pouco. Eu fico meio ali junto com os professores e como eu sou a minoria não aparece tanto essa questão da negritude a não ser que surja algo eventual que tu se pronuncie. Mas também se você não reclamar, não falar nada, passa despercebido, como uma piadinha que se faz de negros ou alguma coisa assim, só se eu reclamar elas notam que eu estou lá, porque na maioria das vezes elas nem notam que estou ali junto com elas. Eu

continuo invisível! Isso é muito interessante. E como sempre eu levantei essa questão da mulher negra, do respeito com a população negra nos espaços que eu frequento, isso se torna muito mais difícil, porque eu começo a ter um pouco mais de visibilidade, mas não no sentido positivo, porque eu incomodo, porque eu começava a colocar o dedo no nariz das pessoas mostrando que elas são sim racistas. E aí você sendo minoria, você não tem pares contigo, você é atacada no próprio silêncio, porque as pessoas não te xingam, não te destratam diretamente, a verbalização não é clara, mas você sente que as pessoas não se sentem a vontade com a tua presença ali. Então como eu trabalho com a educação eu procuro sempre usar esse instrumento para trazer as pessoas para a reflexão. Então a luta não é no sentido do ataque, eu tento buscar, lançar algumas questões para os meus colegas professores, alunos no ambiente que eu estou para que eles visualizem essa mulher negra que eu sou, porque eu também represento as outras mulheres negras que não estão ali, que estão na cozinha, que são funcionárias da escola. Então eu tento sempre trazer esse questão pra reflexão, o que torna minha vida como um todo muito mais difícil porque isso não fica só na escola.

Que conselhos daria a quem deseja ensinar?

Ah, eu acho que tem que gostar do que faz, tem que gostar de gente, tem que ouvir, saber ouvir, mais ouvir do que falar, para você saber com quem você está trabalhando e se é o aluno principalmente conhecer quem é aquela pessoa, cada um deles. Eu sempre trabalhei para saber de onde que ele vem, quem ele é e eu tenho muita dificuldade de gravar nomes. Eu olho no olho do meu aluno, conheço ele, saber o que ele gosta, descobrir... Eu acho que meu diferencial como professora é saber que existe sempre um potencial que o próprio aluno não sabe ainda. Tem que descobrir aquilo que ele faz e que ele gosta e tentar fazer com que ele desabroche. Então acredito que temos que ter sensibilidade porque muitas vezes tem gente dizendo só as coisas ruins que ele tem porque pode está escondidinho o que ele tem de melhor. Tem que fazer que ele ponha isso para fora, então acredito que esse cuidado que tem que ter o professor, isso facilita muito a aprendizagem.

Considerações Finais

Na minha atividade em específico, busquei escolher uma pessoa que representasse uma relação mais profunda e/ou significativa no meu processo de me constituir enquanto docente, alguém no qual eu minimamente me enxergasse. Surgiram-me diversas pessoas que no decorrer da minha caminhada enquanto sujeito da classe trabalhadora, negra e militante dos movimentos sociais populares, onde contribuíram de formas

diferentes para o meu reconhecimento como sujeito importante no mundo e agente transformador. Contudo, especificamente queria realizar a entrevista com uma pessoa negra que tivesse tido um papel importante, visto que durante minha graduação não tive aula ou atividades formativas com professores/as negros ou negras. Como estudante de licenciatura, acredito que irei enfrentar questões nas quais essas professoras e professores já enfrentaram e assim podem fomentar um movimento de trocas e partilhas de experiências no meu processo de ser professora negra no mundo.

Além disso, as ricas experiências vividas e relatadas pela professora Ingrid, alertam para que além de um saber específico para ensinar, a história de vida, o envolvimento afetivo, o compromisso com mudanças sociais, a superação de preconceitos e estigmas e a aposta que toda criança ou jovem tem seu potencial e é capaz de aprender, fazem a diferença. Como a professora assinalou em seu depoimento: *“Eu acho que meu diferencial como professora é saber que existe sempre um potencial que o próprio aluno não sabe ainda. Tem que descobrir aquilo que ele faz e que ele gosta e tentar fazer com que ele desabroche”*. Em uma frase síntese: *Tem que reunir epistemologia, politicidade e sensibilidade* no ato de ensinar como o educador Paulo Freire (1997) postulou insistentemente em sua obra.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura)

MESZAROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

